**UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

VICTOR LIMA DE ALMEIDA

**A MASSIFICAÇÃO DO HOMEM NO SÉCULO XX E SUAS REPERCUSÕES SOBRE
A VIDA, A SOCIEDADE E O ESTADO NO PENSAMENTO DE ORTEGA Y GASSET**

JOÃO PESSOA

2020

VICTOR LIMA DE ALMEIDA

**A MASSIFICAÇÃO DO HOMEM NO SÉCULO XX E SUAS REPERCUSÕES SOBRE
A VIDA, A SOCIEDADE E O ESTADO NO PENSAMENTO DE ORTEGA Y GASSET**

Monografia submetida à coordenação do curso de filosofia, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB – como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de graduado em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Marconi José Pimentel Pequeno.

JOÃO PESSOA

2020

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

A447m Almeida, Victor Lima de.

A massificação do homem no século XX e suas repercussões sobre a vida, a sociedade e o estado no pensamento de Ortega y Gasset / Victor Lima de Almeida.

- João Pessoa, 2020.

35 f.

Orientação: Marconi José Pimentel Pequeno.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Massificação. 2. Homem- massa. 3. Técnica. I. Pequeno, Marconi José Pimentel. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 101

]

VICTOR LIMA DE ALMEIDA

**A MASSIFICAÇÃO DO HOMEM NO SÉCULO XX E SUAS REPERCUSÕES SOBRE
A VIDA, A SOCIEDADE E O ESTADO NO PENSAMENTO DE ORTEGA Y GASSET**

Monografia submetida à coordenação do curso de filosofia, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB – como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de graduado em Filosofia sob a orientação do Prof. Dr. Marconi José Pimentel Pequeno.

Victor Lima de Almeida

Aprovado em João Pessoa/PB ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Marconi José Pimentel Pequeno

(Orientador – Universidade Federal da Paraíba – UFPB)

*Dedico a Deus, a Santíssima Virgem, meus pais e a minha amada.
Obrigado por tudo que me forneceram.*

AGRADECIMENTOS

Só tenho a agradecer por tudo que ocorreu comigo até hoje, especialmente ao meu Deus e à Santíssima Virgem, agradeço também a minha família que garantiu a formação de um homem íntegro, minha namorada que é incondicionalmente uma grande parceira, e a meus amigos que, em conjunto com os já citados, proporcionaram uma vida digna de ser vivida.

*Não se pode encontrar uma página em A
Rebelião das Massas que não tenha
atualidade; mais ainda: que não tenha futuro.
(Julián Marías)*

RESUMO

Os movimentos de massa exerceram um papel de destaque no século XX. Tais movimentos foram analisados por Ortega y Gasset que, dentre outros pontos, tratou da natureza e do papel do homem-massa em tais acontecimentos. Massificação é um dos conceitos-chave do pensamento do referido filósofo espanhol que explica como um sujeito perde sua individualidade, negando sua própria circunstância, para adentrar em um contexto de multidões, de massas. Ademais, também cabe ressaltar a importância que a técnica teve para a massificação da vida, proporcionando um modo mais fácil de se viver e o *modus operandi* desse novo homem do século XX, categorizado como *homem-massa*. Com isso, deve-se compreender o que esse homem-massa faz e como ele consegue mudar a conjuntura política, pois ele também passa a integrá-la ao tornar-se membro do Estado massificado, que tem como função estatizar a vida, usar da violência para agir e exercer o seu poder. Tais elementos explicam alguns dos principais eventos extremos ocorridos no século XX.

Palavras-Chave: Massificação; Homem-Massa; Técnica

ABSTRACT

The mass movements exercised a prominent role in the XX century. This movement was analyzed by Ortega y Gasset who, among other points, dealt with the massification of the man, the century and the life. Massification is one of the concepts of the philosopher that explains how one individual lost their individuality, denying your own circumstance to enter a context of crowds, of the masses. In addition, it is also important to mention, the relevance that had the technique for the massification of the life, thus offering an easier way of to live and the *modus operandi* of this twentieth-century new man operates, categorized as mass-man. In short, must understand what the mass-man does and how he manages to change the political structure, because this mass-man also becomes part of it, becomes a member of the massified State. That has as function nationalization of life, the violence to act and exercise its power. Such elements explain some of the extreme events occurred in the 20th century.

Keywords: Massification; Mass-man; Technique

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 A MASSIFICAÇÃO DO HOMEM E DA VIDA.....	11
2.1 <i>O indivíduo biográfico</i>	<i>14</i>
2.2 <i>O homem e os outros</i>	<i>15</i>
2.3 <i>O fim do pessoal e o início do coletivo.....</i>	<i>17</i>
3 A TÉCNICA E O FENÔMENO DE SER SENHOR DE SI.....	19
3.1 <i>Nobreza e sentido da vida</i>	<i>21</i>
3.2 <i>A falta de esforço e de obrigações</i>	<i>24</i>
4 ESTATIZAÇÃO, IMPOSIÇÃO E VIOLÊNCIA.....	27
4.1 <i>A Violência e imposição do homem-massa</i>	<i>29</i>
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

O século XX foi marcado por um novo fenômeno político e social: a massificação. Esse fato foi observado por Ortega y Gasset que desenvolve sua análise transitando entre a antropologia filosófica e a filosofia política. De acordo com Ortega y Gasset, o indivíduo está envolto em sua circunstância, e sua vida é marcada por dificuldades e pressões. Entretanto, com o processo de massificação, massifica-se também o homem, chamado agora de homem-massa. Trata-se de um indivíduo que não pensa por si, se esquece de sua própria história e se torna uma carapaça de homem.

O sentir-se do homem-massa é similar ao egoísmo e a autossuficiência; ele se vê como um grande ser, um nobre ou um poderoso, mas vive a falsa impressão de ter o controle da sua vida. A massificação lhe dá essa ilusória sensação de segurança, para, assim, fugir das pressões e perigos da vida.

Um dos pontos essenciais da análise do autor consiste no reconhecimento de que o tecnicismo contribuiu decisivamente para inserir o homem nesse processo de massificação. O desenvolvimento do mundo forneceu ao homem vários instrumentos para guiar sua vida, entretanto, este mesmo homem esqueceu como deve conduzi-la e, por sentir-se muito autossuficiente, não soube pedir orientação e, conseqüentemente, ele enclausura-se, fecha-se para o mundo. Já o segundo caso, que ele chama de primitivismo, traduz a situação do homem que se esqueceu da própria história e apenas vive uma vida nobre, dada a ele pelos instrumentos e pela técnica. A esse fenômeno Walter Rathenau chamou de “uma invasão vertical dos bárbaros”. Portanto, a técnica moderna favoreceu o surgimento dessa sociedade massificada,

Ainda segundo Ortega y Gasset, o homem-massa é aquele que nega o passado e vive o eterno presente, ou seja, o contemporâneo para o homem-massa é o cume da grande montanha que é a história humana. Nesse contexto, o indivíduo é suprimido pelo fenômeno da massificação da vida e da realidade. Assim, é necessário avaliar no próprio campo da filosofia política como as esferas de poder intervêm, sofrem e tornam-se massificadas. Além disso, convém ressaltar os vários tipos de violência que dominam o século XX, o século das massas. Essa característica é representada pela figura da *ultima ratio*, a tentativa de fazer valer a razão estratégica **na e pela** força.

Assim, na primeira parte deste estudo será exposto o processo de massificação da vida, demonstrando como o indivíduo é inserido em um âmbito massificado pela técnica, para,

posteriormente, tornar-se e sentir-se parte integrante da multidão, isto é, tornar-se um homem-massa.

Em seguida, no segundo capítulo, é tratada a relação entre técnica e massificação. Veremos como a técnica influenciou e modificou a existência social e política dos homens, como também as relações entre os conceitos simbólicos de *nobre* e *vulgar* e como isso muda radicalmente a história do século XX.

Por fim, no terceiro capítulo serão expostas as dimensões políticas do problema, destacando a origem e a formação do Estado burguês e suas consequências na vida do homem, como a estatização da vida, o caráter de intervenção total do Estado e, conseqüentemente, a emergência da violência do século XX.

2 A MASSIFICAÇÃO DO HOMEM E DA VIDA

No final do século XIX, um fenômeno diferente passa a modificar a vida nas diferentes sociedades: a aglomeração humana. Essa expansão quantitativa de pessoas chamou a atenção do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, suscitando a necessidade de se discutir o fenômeno da vida massificada e a supressão do indivíduo na multidão.

Assim, convém inicialmente investigar o porquê desse surgimento das multidões e, também, como compreender o papel do indivíduo em seu interior. Ortega y Gasset, em sua obra *A rebelião das massas*, procura responder a essas perguntas de três formas: sociológica, filosófica e psicológica.

Do ponto de vista sociológico, Ortega y Gasset trata do problema das massas primeiramente constando que casas, hotéis, trens, teatros, praias e outros espaços públicos, que outrora tinham pouca ocupação, após 15 anos (tempo de uma geração dentro do pensamento do autor) se revelavam cheios de pessoas.

O referido autor também trata da relação entre as minorias e as massas. O primeiro termo designa aquilo que ele chama de “indivíduos” ou de “indivíduos propriamente qualificados”, aqueles que, no passado, pertenciam às classes privilegiadas ou à nobreza, isto é, eram aquelas pessoas que podiam usufruir de regalias e melhores condições vida. Já a segunda categoria diz respeito ao grande número de pessoas que compõem aquilo que chamamos de multidão:

A sociedade é sempre uma unidade dinâmica de dois fatores: minorias e massas. As minorias são indivíduos ou grupos de indivíduos especialmente qualificados. A massa é o conjunto de pessoas que não são especialmente qualificadas. Portanto, não se entenda por massas, nem apenas nem principalmente, ‘as massas operárias’. Massa é o ‘homem médio’. Desse modo se converte o que era meramente quantidade – a multidão – em uma determinação qualitativa: é a qualidade do comum, é o monstrengo social, é o homem enquanto não se diferencia dos outros homens, mas que repete em si um tipo genérico. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 80)

Vale ressaltar que a referida obra não trata apenas das dimensões sociais e políticas do problema. Segundo Julian Marias¹, em uma palestra proferida em 1975, o referido livro trata de questões muito mais amplas e complexas. Assim, o termo “massa” não deve ser reduzido à

¹ Cf. Ortega y Gasset, 2006, p.13-15

questão marxista entre explorador e explorado, mas sim como um quantitativo de gente que forma uma multidão no interior da qual os indivíduos comuns podem ou não estar inseridos.

Ortega y Gasset considera que as massas e os grupos seletos diferenciavam-se historicamente em razão das condições de vida que ambos usufruíam. O fenômeno da massificação mudou essa realidade fazendo com que as massas passassem a adquirir novos padrões sociais.

No decorrer do texto, Ortega y Gasset estabelece uma breve discussão entre o modelo aristocrático e aquele existente nas sociedades modernas. O filósofo espanhol acreditava que a sociedade é verdadeiramente aristocrática por definição, isto é, a sociedade em sua organização política é aristocrática em sua essência, de modo que, de acordo com o autor, só pode ser sociedade se permanecer sendo aristocrática. Assim, caso a sociedade deixasse a sua condição aristocrática, a mesma não poderia ser entendida como sociedade. O filósofo espanhol ressalta que esta discussão é importante para se entender o processo de massificação do século XX, em particular, e da própria vida humana, em geral.

Ele utiliza o termo “império das massas” para estabelecer uma comparação como o império romano, que, embora fosse grandioso quantitativamente, não se comparava com a massa moderna que é gigantesca, e também por ter sucumbido frente aos bárbaros da época.

O progresso histórico, diz ele, permitiu a instauração de melhores condições de vida, de bem-viver, de direitos fundamentais aos indivíduos ao longo do tempo, ou seja, as condições de vida que o homem possuía no século X não se equiparam, de maneira alguma, com as que ele passou a ter nos século XX, por exemplo.

Ortega y Gasset oferece o exemplo daquele homem que vivia como nobre em séculos anteriores e o que no século XX teria apenas as mesmas condições de um cidadão gregário à sua época (séculos antigos), pois as condições existenciais de um homem comum do século XX são bem superiores às daquelas de um nobre do século X, XII ou XVII.

Portanto, a conexão entre o império das massas e as mudanças históricas é importante para uma melhor compreensão acerca da massificação da vida, visto que a conquista de uma melhor qualidade de vida e de direitos, resultará em uma inversão da ordem de quem disciplina e de quem é disciplinado. Com efeito, isso faz com que a maioria não mais aceite a situação de controle e disciplina que a minoria outrora estabelecia. Ortega y Gasset reforça essa ideia ao afirmar que:

Não era isso que queriam? Que o homem médio se sentisse amo, dono, senhor de si mesmo e da sua vida? Já foi conquistado. Por que se queixam os liberais, os democratas e os progressistas de trinta anos atrás? Ou será que, como as crianças,

queriam uma coisa, mas não suas consequências? Querem que o homem médio seja senhor. Então não estranhem que ele aja por si mesmo, que reclame todos os prazeres, que imponha decidido sua vontade, que se negue a qualquer servidão, que não seja dócil a ninguém, que cuide da sua pessoa e dos seus ócios, que aprume sua indumentária: são alguns dos atributos perenes da consciência de senhorio. Hoje residem no homem médio, na massa. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 92)

Devido a essa inversão da ordem social que ocorre a partir dos séculos XVIII e XIX, pode-se entender que há uma falta de entendimento das massas em relação à sua própria condição. A massa não se vê mais em uma situação servil, e sim como dona de si, como “nobre”, consciente de que possui direitos, privilégios e bens. Ela entende que tudo isso foi uma conquista decorrente dos acontecimentos originários das revoluções que ocorreram ao longo dos séculos.

Atualmente, as massas estão vivendo como viviam os nobres de antigamente, quiçá melhor, e já não seguem nem respeitam as minorias. Assim, dia após dia, as massas apenas usufruem daquilo que foi construído pela minoria, e que outrora somente ela desfrutava. E, para tanto, tais massas empregam técnicas manuais, jurídicas e sociais.

Nessa perspectiva, a massa outorga para si o título de “povo” ou de “soberano”, mas o faz em uma dinâmica contraditória, pois se diz soberana e independente. Porém, ela depende do Estado para que este lhe garanta os direitos que ela exige constantemente para si, e caso não consiga, tenta destruir as Instituições que deveriam lhe garantir tais privilégios.

Nessa perspectiva, Ortega y Gasset define este fenômeno com o termo “niveação”. As massas crescem qualitativamente, pois passam a ter direitos e privilégios e um modelo de vida guiado pela técnica, tal como as minorias seletas de séculos anteriores. Desse modo, ocorre uma “niveação” (ou nivelamento) histórica sob a seguinte forma: perda qualitativa das minorias, ganho quantitativo e qualitativo das massas.

Desse evento surge a massificação da vida, pois é a partir de uma vida mais técnica que emergem as exigências de direitos, privilégios, soluções de problemas. Este fenômeno ajuda a explicar a questão de uma vida que se massificou sob a égide de um movimento de massas.

Nesse aspecto, estudar a figura do indivíduo é relevante para um conhecimento mais apropriado da relação entre a vida massificada e o sujeito que se massificou. Isso também se revela importante para responder a problemas em torno de como muitos homens passaram a ser massa, isso que mais tarde o autor irá definir como *homem-massa*.

2.1 O indivíduo biográfico

Na investigação a respeito do indivíduo e seu modo de perceber e viver a vida, a filosofia ortega y gassetiana oferece também uma compreensão acerca da política. Em sua obra *A Rebelião das Massas*, ele mescla elementos da filosofia política, da sociologia, da metafísica e da antropologia.

Nas palavras do filósofo espanhol, “o homem é coisa alguma, senão um drama” (ORTEGA Y GASSET, 1965, p. 32). Ele vive uma vida que não se resume apenas ao seu corpo, à sua alma, à sua psique, à sua consciência ou ao seu espírito. Sua vida é um constante acontecimento, pois sempre ocorrem coisas durante a vida, a todo momento, eventos sobre os quais o homem não tem controle.

Uma das interpretações concebe o homem como aquele que se esforça para conhecer, para sair de seu estado de incerteza e, mediante esse esforço ou vontade de persistir, ele deve forjar sua própria existência. Ademais, convém elucidar três ideias necessárias à compreensão do fenômeno: a questão da circunstância, a realidade radical e o problema dos naufragos.

Acerca da circunstância, Ortega y Gasset considera que esta nada mais é do que a própria realidade atrelada à vida do indivíduo. O sujeito se insere no meio social convivendo com outros indivíduos que possuem seu repertório de ideias e crenças, as quais formam as circunstâncias do real. A realidade não se reduz apenas ao “eu”, ao sujeito individual, mas também diz respeito ao outro, ao “não-eu”.

A circunstância, então, é aquilo que é próprio da vida humana, diferenciando, com isso, os seres humanos dos outros animais, os quais são seres que vivem em vigília, se alimentando ou em estado de alerta, isto é, dormem, comem e se protegem para não serem atacados ou eliminados. A circunstância é aquilo que ocorre em nossa vida real e, por meio dela, devemos atuar para integrar a nossa realidade à dos demais sujeitos.

A realidade está, assim, ligada à circunstância. Segundo Ortega y Gasset, somos forçados a existir dentro de uma realidade ou circunstância determinada, e devemos interpretar o que se dá em torno de nós para, assim, conduzir devidamente nossa vida. A respeito disso, ele afirma:

Agora bem: minha vida consiste em que eu me encontro forçado a existir em uma circunstância determinada. Não há vida em abstrato. Viver é ter caído prisioneiro de

um contorno inexorável. Vive-se aqui e agora. A vida é, neste sentido, absoluta atualidade. (ORTEGA Y GASSET, 1964, p. 11)

Ortega y Gasset afirma que a realidade radical e a circunstância se conectam porque ambas fazem parte de um mesmo fenômeno, pois se trata de um campo no qual existimos e nele se dão as oportunidades, as escolhas e as decisões fundamentais para a nossa existência. Em outras palavras, a circunstância é aquilo que circunscreve em nossa vida ideias, oportunidades e ações.

De mesma forma, deve-se dar relevo a um outro elemento que engloba a condição desse homem-massa mencionado por Ortega y Gasset: o problema dos naufragos. Como sabemos, naufrago é aquele que sobrevive a um acidente de embarcação marítima e se vê perdido em uma terra desconhecida, na qual terá de se esforçar para escapar e sobreviver. Esse problema surge, principalmente, no terceiro capítulo de *A rebelião das massas*: “Nos modos atuais de existência, há quem se sinta um naufrago que não consegue subir à tona.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 98).

A analogia serve para tratar do estado de perda de perspectiva do indivíduo, situação em que ele dependeria de algo ou alguém. Porém, esse resgate não ocorre facilmente e esse indivíduo passa a depender tão somente de si, pois se encontra frente a uma circunstância que não lhe é favorável.

Para entender de forma mais apropriada o sentido do *homem-massa*, pode-se dizer que ele é aquele que não sabe lidar com a sua circunstância e se vê em meio a um naufrágio, isto é, trata-se de uma situação que representa a condição do *homem-massa* enquanto ser perdido, sem orientação, sem capacidade de decisão e submetido a uma realidade que é maior do que ele.

Além disso, convém reconhecer que essa condição pode perpassar a vida de cada um, porém ainda não explica o meio no qual isso ocorre. Portanto, devemos compreender a sociedade em face da condição do não “não-eu” presente na figura do “outro” e o papel daquilo que é um meio termo entre o eu e o outro, chamado por ele de “compresença”. Vejamos, pois, como se dá a relação entre o homem e os outros.

2.2 O homem e os outros

Em Ortega y Gasset, o social e a sociedade se distinguem. O social envolve as ações e comportamentos que compõem a vida de cada um, a esfera individual e a circunstância de cada um. Enquanto isso, a sociedade é definida como a coletividade que não pertence a

ninguém, mas pode ser categorizada como algo determinado. Tais elementos são importantes para entendermos a relação entre o eu e o outro.

A aparição do outro ocorre dentro do campo da indeterminação. Assim, o indivíduo, enquanto “eu”, tem a noção de si, mas o outro não está imediatamente presente para mim, da mesma forma que não sou para ele. O outro, com efeito, aparece como um “compresente”, pois ele só estará presente para mim se eu também estiver para ele.

Ortega y Gasset pensa o outro a partir da sua capacidade de se relacionar com o eu. O filósofo destaca que não devemos reduzir a aparição do outro pura e simplesmente ao sentido da visão, mas também devemos contemplar o sentido do tato, pois é ele que confere sentido ao corpo que tocamos e que também nos toca. Assim, diz o filósofo: “desse nosso ponto de vista mais radical é coisa clara que a forma decisiva de nosso tratamento com as coisas é, efetivamente, o tato. E se isto é assim, por forçar tato e contato são os fatores mais peremptórios na estruturação de nosso mundo.” (ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 96).

Essas reflexões se fazem úteis para destacar uma arquitetura do mundo desenhada por Ortega y Gasset, explicando que somos seres “compresentes”. A “compresença” explica a dimensão interpessoal e os inter-relacionamentos humanos como fatores dinâmicos e pulsantes dentro da própria vida. Dessa forma, o filósofo espanhol reforça a ideia de que o sentido do termo “compresença” envolve tanto o que eu sou para o outro, como o que o outro é para mim, mas cada qual em sua maneira única, diferente e singular. Ademais, o sentido da “compresença” explica a questão interpessoal e os relacionamentos humanos como fatores dinâmicos e pulsantes dentro da própria vida.

O outro é aquele que aparece no meu horizonte e que pode fazer algo como eu faço, mas não da mesma forma. Ele, por si, pode pensar, sentir, querer. Entretanto, ele não pode pensar o que penso, sentir o que sinto e querer de maneira idêntica ao que eu quero. Assim, por mais que interaja com o outro, cada um vive a sua própria vida e não a dele. Ortega y Gasset avalia essa situação sob a designação de realidade primária e realidade secundária.

A realidade primária refere-se à realidade do eu, isto é, à minha própria circunstância, já a secundária diz respeito ao outro, aquilo que ocorre com ele enquanto ser “compresente” em minha vida e no mundo. Assim, cada indivíduo possui a sua realidade radical (vida e circunstância), porém ele existe sempre na sua “compresença” com os outros. Vemos que cada um possui a sua realidade radical (vida e circunstância), e sua “compresença” que se dá com os outros. Mas, de que forma essa condição pode ser massificada? Como essas realidades se massificam? Essas questões podem ser respondidas quando levamos em conta a transição entre o fim do pessoal e a emergência do coletivo.

2.3 O fim do pessoal e o surgimento do coletivo

Ortega y Gasset demonstra como há uma transição que parte do indivíduo e do outro, enquanto protagonistas e coadjuvantes de suas próprias vidas. Ele, com isso, demonstra como ocorre a emergência do sujeito massificado, inautêntico, cujo pensar, agir e ser não se encontram nele próprio e sim no social, ou, como observa o autor: “deixo de ser o personagem individualíssimo que sou, e atuo por conta da sociedade: sou um autômato social, estou socializado.”(ORTEGA Y GASSET, 2017, p. 206).

Um dos fatores que impulsionaram, como visto em 2.1, a mudança do nível histórico foi um acontecimento que o filósofo chama de “a altura dos tempos”, e refere-se a expressões populares do tipo: “em pleno século XXI ainda há casos de tal doença no Brasil”. Nesse exemplo, o século XXI é tido como o cume a ser alcançado na história do mundo. Portanto, a existência de qualquer caso retrógrado ou alguma má herança dos séculos anteriores é algo veementemente repudiável pela visão do homem-massa.

Neste contexto, cabe explicar que tal expressão pode ser interpretada como um sentimento fora do padrão histórico. Assim, o homem crê que vive no melhor período da história e não tem necessidade de cultivar ou conservar aquilo que vem do passado. Ortega y Gasset vê o homem contemporâneo como alguém que já não é mais ligado à história passada e tão somente reduz o ciclo do tempo ao momento contemporâneo.

O homem massificado tende a negligenciar os fatos ou eventos de séculos anteriores, esse termo “altura dos tempos” revela que o *homem-massa* se sente acima ou superior a certas coisas, a exemplo dos tempos históricos. Ortega y Gasset afirma que o tempo cronológico não é compatível para tratar desta teoria, pois ele adota o tempo da circunstância ou o tempo da vitalidade. Esse novo conceito de tempo é expresso por Almeida do seguinte modo:

A discussão em torno do tempo, que aparece nesse capítulo, não é em relação à questão cronológica e abstrata, mas à vitalidade circunstancial, ou seja, o que cada geração chama de nosso tempo é o tempo em que cada indivíduo se encontra. O autor recorre ao debate do tempo cronológico para dissecar o tempo circunstancial (ALMEIDA, 2009, p. 54)

Em seguida, ainda em *A rebelião das massas*, vemos a crítica do filósofo espanhol acerca das conquistas e também de algumas negações da modernidade, pois, para ele, o homem moderno vê que o passado não chega aos pés do presente e o subjuga como algo a ser descartado de todas as esferas possíveis da vida. Moderno aqui pode ser entendido como o

último, o atualizado ou o definitivo. O tempo moderno não permitiria uma proximidade com a história e os homens desse tempo seriam reativos, pois eternizam o seu presente por meio do ideal de torná-lo a época do sempre, ou seja, o próprio sentido de progresso é deturpado e, com isso, viveríamos em uma época sem perspectiva, tal como retrata o filósofo:

A fé na cultura moderna era triste: era saber que o amanhã iria ser em todo o essencial igual a hoje, que o progresso consistia só em avançar por todo o sempre em um caminho idêntico ao que já estava abaixo de nossos pés. Um caminho assim é mais bem uma como uma prisão que, estica, se alarga sem libertar. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 92)

Posteriormente, veremos no terceiro capítulo, como a técnica - com a participação da estrutura que a democracia liberal, a industrialização e o progresso da ciência construíram em conjunto – contribuiu para a massificação em maior escala da vida como nunca antes se viu. Dá-se, com isso, a desconstrução do homem autêntico e a inversão da ordem tida como natural.

Ao desprezar o passado, o homem passa a se conceber como “senhor de si”, direcionando o seu olhar para o seu ego e desprezando o lado autêntico da vida. Essa negação do passado histórico surge junto com a supremacia da técnica, eis o que ele diz sobre isso:

Não é plenitude dos tempos, e, no entanto, sente-se superior a todos os tempos idos e acima de todas as plenitudes conhecidas. Não é fácil de formular a impressão que nossa época tem de si mesma: acredita ser mais que as outras e, ao mesmo tempo, sente-se como um começo, sem a certeza de não ser uma agonia. Que expressão elegeríamos? Talvez esta: mais que os demais tempos e inferior a si mesma. Fortíssima, e ao mesmo tempo insegura de seu destino. Orgulhosa de suas forças e, ao mesmo tempo, com medo delas. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 103)

3 A TÉCNICA E O FENÔMENO DO SER SENHOR DE SI

No século XIX, segundo Ortega y Gasset, o homem passa a se massificar devido à industrialização e ao desenvolvimento da ciência, ou seja, sob a influência decisiva da “técnica”. A técnica, segundo ele, pode ser entendida como algo que facilitou a vida, porém tornou o homem menos apto a “ver” os outros. A técnica não é nada sem o homem que a utiliza para realizar suas ações. Assim, o problema não está na técnica em si, mas no modo de como ela é utilizada.

Ortega y Gasset desenvolve sua crítica à técnica relacionando-a ao progresso e ao que este pode trazer ao mundo. Segundo ele, nem tudo que avança traz benefícios para o povo ou para as futuras gerações. A crítica ao fenômeno da técnica não torna o autor um saudosista ou alguém que pretenda instaurar um retorno às sociedades tradicionais do passado. Ele apenas pretende trazer à tona os males que podem ocorrer caso aquele que esteja conduzindo a marcha do progresso e suas conquistas seja um homem afastado dos princípios da sua época.

Deve-se destacar que o progresso foi aceito e assumido pelo *homem-massa*, e este, por sua vez, se transformou em um sujeito que não tem apego pelo passado, pela história do seu povo e do mundo, isto é, ele despreza tudo aquilo que é originário de uma época ou que se revela diferente do seu modelo. Assim, segundo Ortega y Gasset:

Todo o crescimento de possibilidades concretas que já experimentaram a vida corre risco de anular-se a si mesma ao topar com o mais pavoroso problema advindo no para o destino europeu e que de novo formulo: já se apoderou da direção social um tipo de homem a quem não interessam os princípios da civilização. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p.154)

De acordo com o referido autor, o *homem-massa* é um ser totalmente inautêntico, que é recluso em si e não escuta ou ver o outro em sua condição de humanidade. Ele pretende reinar sobre a história e o passado. Sua inspiração de vida baseia-se no que ainda está por vir. Assim, ele se considera acima dos outros e se reconhece apenas em si mesmo. Noutras palavras, o *homem-massa* tende a se identificar com um líder que não escuta, só fala, só grita.

Segundo o filósofo espanhol, o século XIX está na origem desse fenômeno por ter introduzido mais fortemente a técnica nas relações humanas e, embora esta tenha proporcionado uma melhora na qualidade de vida das pessoas (aquisição de bens materiais, conforto, vestuário, alimentação, transporte, etc.), o seu mau emprego pode gerar muitas

tragédias. Portanto, o problema está no uso que dela se faz e que fomentou o aparecimento do homem-massa. Ortega y Gasset considera que a técnica coloca o *homem-massa* em um estado totalmente deslocado da sua realidade. Este homem massificado se distancia da cultura na medida em que se aproxima da técnica. O referido autor considera que ciências e técnica estão intimamente relacionadas e ambas se inserem no interior de uma cultura. Para ele, a técnica aplica-se aos objetos da ciência que se dão em conjunto com a cultura. Por isso:

A técnica é consubstancialmente ciência, e a ciência não existe se não interessa em sua pureza e por si mesma, e não pode interessar se as pessoas não continuam entusiasmadas com os princípios gerais da cultura. Se esse fervor some – como parece acontecer –, a técnica só pode sobreviver um pouco, o quanto durar a inércia do impulso cultural que a criou. Vive-se com a técnica, mas não da técnica. Essa não se nutre nem respira por si mesma, não é **causa sui**, mas a decantação da parte útil e prática de preocupações supérfluas, não práticas. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p.156)

A técnica é o marco da cultura moderna, conforme indica o filósofo, e esse marco revela que um grande número de pessoas usufrui das conquistas da ciência sem, necessariamente, ter a capacidade fazer ciência (no sentido de operar seus métodos e procedimentos). O *homem-massa* só absorve aquilo que ele pode utilizar. Com efeito, dentre as diversas críticas feitas ao cientificismo, Ortega y Gasset salienta que ele gerou a ultraespecialização dos seus operadores. Para ele:

Como o cientista, por ter que reduzir sua órbita de trabalho, foi progressivamente perdendo contato, a cada geração, com as outras partes da ciência, com uma interpretação integral do universo, que é a única coisa merecedora dos nomes de ciência, cultura, civilização europeia. (GASSET, 2016, p. 188)

Esse grau de aprofundamento em conhecimentos específicos contrasta com tradição enciclopédica que vigorou em um determinado momento na Europa². Passou-se, com isso, a valorizar o homem da ciência à medida que ele passava a conhecer cada vez mais apenas um ramo dessa mesma ciência.

Para o autor, a era do especialismo científico é a responsável pela emergência do *homem-massa*, tanto em sua dimensão quantitativa, quanto qualitativa. A primeira representa o fenômeno das multidões, pois, devido aos avanços e progressos científicos, houve um grande crescimento populacional; a segunda se refere a um modo de viver que despreza o

² O autor refere-se ao período iluminista francês, que dentre outros pontos marcantes, foi responsável pelas enciclopédias desenvolvidas por Diderot, Rousseau, Voltaire e mais alguns autores envolvidos diretamente com a revolução da época. Ademais, a referência às enciclopédias se dá por conta que é uma materialização desse afunilamento do saber: escrever curtos trechos de definição a respeito de todos assuntos possíveis em um livro de consultas.

passado, apega-se a técnica e age como um inculto, sendo este o modo de ser do homem-massa.

O homem-massa não pode produzir ciência, mas pode reproduzi-la, pois quase todos podem agora ter acesso à mecanização cujo manuseio torna-se cada vez mais fácil para o homem médio. Este passa a ter uma sensação de domínio, de ser senhor de si. Nota-se que esse homem abandona pouco a pouco a filosofia (ou no mundo da reflexão) e se enclausura na ciência, caracterizando o que o autor chama de “o protótipo do homem-massa” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 187).

O homem-massa não precisa ter contato com a cultura, com a literatura ou a filosofia, pois o que lhe convém é a dimensão prática do existir. Ele é aquilo que Ortega y Gasset ironicamente chama de “sábio-ignorante” (ORTEGA Y GASSET, 1964, p. 218). Segundo Mário Ferreira dos Santos, este homem aparece como um bárbaro, pois, em vez de ser um indivíduo responsável pelos avanços da civilização, ele apenas aparece como um sujeito mediano em alguma área de especialidade. Assim:

Porque ao se desligar, como se fez, o cientista da filosofia perene, o sábio, graças a esse desvinculamento, pensando que filosofia é essa mixórdia que se apresenta por aí, despreza-a totalmente e, entregue apenas à aridez de sua especialidade, desligado da universalidade, poderá tornar-se um monstro que vê tudo segundo a cor da sua proveta, e dentro do campo estreito que lhe permite ver a sua viseira. E então será ele um candidato nato ao barbarismo. (SANTOS, 2012, p. 97)

Faz-se necessário explicar que os termos “senhor de si”, “domínio”, “surdez” se relacionam com a dinâmica do nobre e do vulgar, resumidamente trata-se daquilo que Ortega y Gasset chama, simbolicamente, da grande mudança que ocorre nos estilos de vida do século XIX para o século XX. Dessa forma, pode-se redimensionar esse tema para o domínio da filosofia política do autor a fim de se entender com mais propriedade a ideia e homem-massa e suas características fundamentais no século XX, como também sua inserção no campo político e dos movimentos de massas propriamente ditos.

3.1 Nobreza e sentido da vida

Para explicar os termos desta seção, se faz necessário retomar uma questão já exposta: a subida do nível histórico e a visão da aristocracia como modelo de sociedade. Ora, vimos na seção 2.1, que a “subida do nível histórico” se apresenta como uma forma de nivelção do

homem qualificado, que possui atributos especiais e que representará a nobreza, em contraposição àquele que é dependente dos outros, pois lhe falta qualidades, isto é, o indivíduo comum.

Na referida seção tratou-se apenas dos problemas referentes a seus direitos e privilégios. Trata-se, agora, de dar o devido destaque à forma como Ortega y Gasset concebe a aquisição desses bens sociais e suas influências sobre a massificação do homem. Da mesma forma, cabe esclarecer como se dá a conquista de privilégios e suas consequências para ambas as partes.

É inegável o fato de que o homem passou a usufruir de melhores condições sociais e econômicas do século XIX em diante. O cidadão que outrora, no século XV, não podia ter um conforto material em seu lar, no século XX passou a ter uma vida extraordinariamente mais confortável e abundante. O progresso insuflado pelo capital e pelo trabalho tornou a vida menos penosa para enormes contingentes de indivíduos. Enquanto isso, a ampliação do uso da técnica fomentou no homem-massa desejos sem limites. A partir desse momento, vive-se mais e melhor que antes, em razão, sobretudo, da democracia liberal, da industrialização e do progresso científico, tudo isso representado pela figura da técnica.

Ainda segundo Ortega y Gasset, este indivíduo é, em suas palavras, um “mimado”, pois, “mimar é não limitar os desejos, é dar a um ser a impressão de que tudo lhe é permitido e a nada está obrigado”. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 130). Este mimado é o homem-massa, que foi presenteado, isto é, recebeu os mimos que a civilização moderna legou. Ele, com isso, se concebe como dono de si, já que tudo lhe pertence e lhe é acessível.

Ortega y Gasset considera que o *homem-massa*, isto é, o homem-médio, realmente percebeu uma enorme mudança em seu modo de vida, pois o homem-médio antigo vivia em uma situação de perigo e necessidade. Nas palavras do autor:

Enquanto no passado viver significava, para o homem médio, encontrar ao seu redor dificuldades, perigos, escassez, limitações de destino e dependência, o mundo novo aparece como um ambiente de possibilidades praticamente ilimitadas, seguro, no qual não se depende de ninguém. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 133)

A massificação ocasionada pela técnica fez com que a vida do homem-médio sofresse uma profunda alteração, pois isso o tornou mais livre e detentor de bens e facilidades para bem gerir a sua vida. De acordo com Ortega y Gasset, “esta experiência básica modifica por completo a estrutura tradicional, perene, do homem-massa. Porque este se sentia sempre

constitutivamente referido a limitações materiais e a poderes sociais superiores. Isto era, a seus olhos, a vida.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 134).

Desse sentido de independência, devemos remontar agora ao sentido de nobreza e o porquê a figura do nobre se revela tão importante em sua análise. A discussão se dá em torno daquilo que era o privilégio para o nobre e como seu sentido de conquista e de privilégio se revelou importante, não só para ele, como também para a massa desqualificada em relação a seus direitos.

Segundo o referido autor, o nobre é aquele que se afirma, ou ainda, de acordo com o sentido etimológico original da palavra nobreza, ele é “o que se destaca”, “o conhecido”. Conseqüentemente, o filósofo atribui esse sentido ao verdadeiro nobre, aquele que se destacou e, portanto, sobressaiu frente à massa. Esta posição de destaque frente à massa pode se revelar sob a forma de liderança. Assim, o líder tem como prerrogativa reivindicar privilégios, pois é ele que, com sua posição, conquista, toma para si, ativamente, essa condição de outorgar um prêmio ou recompensa pelo esforço que a massa não poderia realizar.

No que concerne aos direitos conquistados, pode-se entender como as regalias e os privilégios adquiridos pelos nobres pouco a pouco passaram a pertencer a um número cada vez maior de indivíduos. Como indica Ortega y Gasset,

Os privilégios da nobreza não são originariamente concessões ou favores, mas pelo contrário, são conquistas. E, em princípio, sua manutenção supõe que o privilegiado seja capaz de reconquistá-las a todo instante, se fosse necessário e alguém as contestasse.[...]Por sua vez, os direitos comuns, como são os ‘do homem’ e do cidadão, são propriedade passiva, puro usufruto e benefício, dom generoso do destino que todo homem recebe, e que não corresponde a esforço nenhum, assim como respirar e evitar a demência. Eu diria, portanto, que o direito impessoal se tem, e o pessoal se sustém. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 136)

Por conseguinte, faz-se necessário distinguir tais figuras, pois, para o referido autor, o nobre e a massa desqualificada representam o sentido de homem que soube lidar com suas circunstâncias. O primeiro soube agir ativamente e afirmar-se enquanto ser humano; já o segundo representa a figura dos que meramente sofrem ação passivamente ou reagem ao que sofreram.

O nobre é aquele que conseguiu produzir algo com seu esforço espontâneo, realiza uma atividade diferenciada daquelas que os demais poderiam fazer. Conseqüentemente, é natural que ele assuma uma posição acima dos demais, colocando-se como um homem capaz de liderar.

Noutra perspectiva, os *homens-massa* tornaram-se egoístas, em outras palavras, fechados em si mesmos, pois viram somente a si como verdadeiros detentores de seus direitos, mas não entenderam o esforço que originou todas essas conquistas. Segundo Ortega y Gasset,

A própria perfeição com que o século XIX organizou certas ordens da vida é causa de as massas beneficiárias não a considerarem como organização, mas como natureza. Assim se explica e define o estado de ânimo absurdo que essas massas revelam: não se preocupam com nada além de seu bem-estar e, ao mesmo tempo, são insolidárias às causas desse bem-estar. Como não vêm, nas vantagens da civilização, uma invenção ou construção prodigiosas, que só se sustentam com grandes esforços e cuidados, crêem que seu papel se reduz a exigi-las peremptoriamente, como se fossem direitos natos. Nos motins provocados pela escassez, as massas geralmente procuram pão, e o meio que geralmente empregam para consegui-lo é destruir padarias. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 131)

3.2 A Falta de esforço e de obrigações

Em contraposição à figura da nobreza, temos a representação daquele que não se esforça, o preguiçoso. Este é representado pelo *homem-massa*, aquele que passa despercebido, sendo apenas mais um no meio da multidão. Ortega y Gasset afirma que esses não se esforçam e agem apenas de maneira reativa. Enquanto isso, a figura do nobre, como visto em 2.1, tem destaque por possuir uma característica ativa e que encara a vida como um constante desafio ou tensão. Este sentido traz consigo a virtude própria desse nobre simbólico destacado por Ortega y Gasset, pois é um traço da sua capacidade de se esforçar para ter tudo sob controle. O filósofo espanhol também faz uma comparação entre os séculos XIX e XX ao analisar as mudanças de qualidade de vida da população, sobretudo quando se leva em conta os critérios de higiene, saúde, questões civis e a técnica, em relação com o que existia nos séculos passados. Em todas as categorias, diz ele, a diferença se revela gritante, afinal o desenvolvimento alcançado foi bem maior do que aquilo que qualquer homem poderia imaginar.

Assim, a partir século XIX, ocorre o avanço dos aparatos técnicos e instrumentais, que melhoraram a vida do homem, mas não o “ensinaram” a como “andar” no século XX. E isso se agrava para o homem-médio, pois este é meramente um ser que reage aos apelos e desafios do mundo, mas não é capaz de criá-lo. O homem-médio carece de independência e esclarecimento para gerir seu próprio viver. Como efeito, esse homem não domina a técnica, mas, ao contrário, é por ela dominado. Assim, como indica Ortega y Gasset,

O mundo organizado pelo século XIX, ao produzir automaticamente um homem novo, meteu nele apetites formidáveis, e para satisfazê-los, meios poderosos de todos os tipos[...]Depois de ter metido todas essas potências nele, o século XIX abandonou-o a si mesmo, e então, seguindo sua índole natural, o homem médio fechou-se dentro de si. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 138-139)

O homem-médio tende a reprovar e a rechaçar a figura do nobre, pois este que outrora representava o líder que zelava pela ordem, passou a ser tido como um mero representante do atraso que existia nos séculos passados. O homem-massa se vê dotado de poder e autonomia, se vê como era o nobre de antigamente. Todavia, isso se torna um perigo em razão do caráter indócil da massa e também porque ela não possui a capacidade de liderar, se ser sujeito ativo, já que é a reação o que caracteriza a sua conduta. Portanto, ela se vê obrigada a realizar coisas que não pertencem à sua natureza e capacidade.

A massa no século XX se encontra cada vez mais desorientada e fechada em si mesma, enquanto o mundo (ou a sua circunstância) torna-se cada vez mais aberto à técnica e à tecnologia que ela próprio não consegue acompanhar ou dominar plenamente. Assim, mesmo que saiba como utilizá-la parcialmente, o homem-massa não consegue ter um pleno domínio sobre ela. Essa situação é chamada por Ortega y Gasset de enclausuramento, pois a massa se recolhe, se fecha em seu próprio mundo, já que não controle da situação.

Porém, o novo *homem-massa* e sua rebeldia são representados por meio de sua nova ideia: a da perfeição. Essa crença baseia-se na ideia de que o homem contemporâneo massificado se vê agora como um novo Adão³. Esse novo homem se concebe como personagem de uma realidade paradisíaca, como o maior homem da história, mas sem a malícia e sem saber discernir entre o bem e o mal. Este homem, todavia, não deve ser confundido com um tolo, pois ele possui uma certa esperteza, uma astúcia para enfrentar determinadas situações do mundo.

Entretanto, o homem-massa do século XX é, ainda, rude. Ele também é capaz de somente emitir opiniões, pois tende a falar sempre sobre o que não conhece. Assim, é comum ele usar de sua estridência para esconder a sua ignorância. Ele fala tão alto que nem a si pode escutar.

³ A alegoria de Ortega y Gasset se constrói em torno da figura do Adão, isento de culpas e pecados, vive em estado de plenitude, pois tudo lhe é dado sem que ele tenha de preocupar-se, sem que tenha de se esforçar, isto é, vive a vida paradisíaca. O novo Adão é o homem que procura viver dessa forma, mesmo já expulso do paraíso, vivendo na imanência e negando várias vezes as situações em que a vida o lembra do castigo dado a Adão.

Eis por que ele, em razão do seu enclausuramento e da sua ignorância, é capaz de facilmente recorrer à violência e ser personagem do terror e do totalitarismo. O Estado em sua esfera massificada pode facilmente se transformar em um Estado totalitário.

4 ESTATIZAÇÃO, INTERVENÇÃO E IMPOSIÇÃO

O Estado tem um papel importante na obra de Ortega y Gasset. Para ele, os seres humanos estão sempre em busca de uma instância superior que possa lhes garantir uma melhor condição de vida e estabelecer uma melhor relação com o outro. O homem massificado, mesmo sentindo-se senhor de si, ainda é obrigado a cumprir com certas obrigações impostas a ele e a instância que impõe esse modo de ser é o Estado, que atua como “uma técnica – de ordem pública e de administração.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 197).

Tal como o homem e a vida no século XX, o Estado também se massificou, passou a agir como um corpo destinado a enfrentar problemas político-sociais. De acordo com Ortega y Gasset:

No nosso tempo, o Estado se tornou uma máquina formidável que funciona prodigiosamente, de uma maravilhosa eficiência pela quantidade e precisão de seus meios. Plantada no meio da sociedade, basta acionar uma mola para que suas enormes alavancas se ponham em ação e operem fulminantes sobre qualquer membro do corpo social. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 198)

É interessante notar que o Estado de inspiração moderna tornou-se muito mais forte do que aquele modelo de Estado que o antecedeu.⁴ Para ele, as revoluções sociais que ocorrem nos séculos XVIII e XIX modificaram radicalmente a natureza e o papel do Estado. Assim, o Estado burguês que daí decorreu tornou-se forte e resistente, consolidando o poder político e econômico desta classe. O novo Estado burguês passou também a instituir meios capazes de impedir as revoluções por meio de seus instrumentos ideológicos e de repressão. Assim, segundo Ortega y Gasset:

Com a revolução, a burguesia se apossou do poder público e aplicou suas inegáveis virtudes ao Estado e, em pouco mais de uma geração, criou um Estado poderoso, que acabou com as revoluções. Desde 1848, quer dizer, desde que começa a segunda geração de governos burgueses, não há verdadeiras revoluções na Europa. E certamente não foi porque não houvesse motivos para elas, mas porque não havia meios. O poder público se nivelou com o poder social. (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 197)

⁴ Vale mencionar que Ortega y Gasset não nega o poder e a grandeza dos Estados que existiram antes da era moderna, como o carolíngio, por exemplo. Mas sim que ele diz que a capacidade de ser Estado de fato cumpriu-se efetivamente no final da era moderna.

Cabe ressaltar que o esforço para que a força da burguesia tomasse o Estado para si foi promovido pelas massas, que foram o combustível das revoluções, mas estas logo foram alijadas do poder. Os burgueses, segundo o autor, operaram o que se pode chamar de “golpe contra as massas”, a fim de mantê-las sob controle e impedir novas revoluções.

Todavia, mesmo tendo sido vítima desse golpe do Estado burguês, ainda assim as massas, no século XX, passaram a admirá-lo e sentir-se seguras em seu interior, pois ele poderia preservar e garantir seus bens e direitos, em outras palavras, poderia lhes prestar um serviço caso fosse necessário.

Ortega y Gasset afirma que, com isso, a sociedade passa a viver para o Estado, pois, para o filósofo espanhol, o Estado já estava massificado pelas práticas burguesas que cercaram o aparelho Estatal de tecnicismo e, conseqüentemente, fizeram com que as pessoas organizassem sua vida sempre tendo que necessitar do Estado. Isso, segundo ele, gerou a “absorção de toda espontaneidade social pelo Estado” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 198).

Essa absorção é expressa no conceito de *estatização da vida*, cuja definição é: “uma anulação da espontaneidade histórica, que definitivamente sustenta, nutre e impele os destinos humanos” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 198). Ademais, a confusão que a massa faz a respeito de sua própria identidade explica-se pelo fato de que ela não é nenhum sujeito definido, e sim um grupo que se caracteriza pelo seu anonimato.

Essa estatização da vida pode ser entendida como a forma pela qual a vida inteira se burocratiza, O protagonismo da vida passa a ser assumido pela figura estatal. Desse modo, ocorre a primeira investida violenta do Estado contemporâneo: a intervenção. Com isso, todos devem se adaptar às regras do poder público. Um dos principais pontos que define o que é a ação essencial do Estado, de Hobbes a Rothbard,⁵ é que ele é um ente que “garante” a segurança pela prerrogativa de fazer uso do monopólio da força e da violência, que, aliás, o faz para impor e manter a ordem. Como vimos no capítulo 2, a segurança é, para o homem moderno, algo necessário e decisivo, pois, com isso, ele poderá viver uma existência com menos medo, perigos e ameaças.

O crescimento do Estado é também destacado por Bertrand de Jouvenel. Assim, ao analisar a dinâmica do poder, ele considera, tal como o fizera Ortega y Gasset, essa impessoalidade e a forma como o Estado se expande até chegar a não mais ser considerado

⁵ Preferimos expôr a noção de Estado desses dois autores, pois ambos reforçam o modelo de Estado que passa a ser utilizado, respectivamente, na época moderna e contemporânea, e que mais se inserem dentro dessa perspectiva de um Estado ativo, impessoal e com funções cada vez menos claras.

um inimigo a ser combatido, pois agora ele se tornou grande demais para ser enfrentado. O Estado moderno é responsável pela supressão liberdade e instrumentalização da vida dos indivíduos, pois, conforme demonstra Jouvenel:

Do século XII ao século XVIII⁶, o poder público não cessou de aumentar. O fenômeno era reconhecido por todas as testemunhas, evocava protestos sempre renovados e reações violentas. Desde então, ele continuou a crescer num ritmo acelerado, estendendo a guerra à medida em que ele próprio se estendia. Então, não reconhecemos mais, não protestamos mais, não reagimos mais. Essa passividade inteiramente nova é devida à bruma que envolve o Poder. Antigamente, ele era visível, manifestado na pessoa do Rei, que se declarava um senhor e cujas paixões eram conhecidas. Hoje, mascarado por seu anonimato, ele pretende não ter existência própria, ser apenas um instrumento impessoal e sem paixão da vontade geral. (JOUVENEL, 2010, p. 32-33)

A perspectiva que toma o Estado como um perigo ou inimigo se revela importante na *Rebelião das Massas*, tanto que o último capítulo da primeira parte se chama “O maior perigo, o Estado”. Este serve como um prelúdio para a segunda parte “Quem manda no mundo?”, Entretanto, não iremos aprofundar essa questão, pois o que nos interessa é tratar de uma questão que, em certo sentido, unifica o Estado, o homem e a vida no século XX: a violência.

4.1 A Violência e imposição do homem-massa

Vimos no capítulo 3 que o *homem-massa* é aquele que se enclausura, que se fecha em si mesmo e se faz de surdo e mudo para o mundo e só presta atenção em si ou em quem seja igual a ele. Vê-se também a sensação de perfeição que esse homem possui, sua superioridade frente ao tempo que o antecedeu e uma opção pelo que é mais fácil, que não traga desafios para sua vida.

Essa mentalidade do *homem-massa* é perigosa, pois ele passa a tratar o que é vulgar como virtude, chegando até a se orgulhar de tal condição. Acontece que, como os direitos são dados e cabe a cada um escolher se irá tirar proveito deles ou não, esse “não” é uma palavra inexistente no léxico do *homem-massa*, logo, este homem não consegue compreender ou aceitar que exista um homem que não queira viver uma vida tão incivilizada quanto a dele, e passa, com isso, a exigir a imposição da vulgaridade, a imposição das suas vontades.

Tal atitude, a da imposição, é uma forma de expressão da violência do *homem-massa*. A violência não necessita ser estritamente física, como visto na seção anterior, pois ela pode ser simbólica representada pela ameaça, hostilidade, imposição de crenças e opiniões.

A imposição de opiniões, segundo Ortega y Gasset, foi marcante na Europa do Século XX, pois ela esteve no seio de um grande embate ideológico e político, cujo resultado foi nada menos que a Segunda Guerra Mundial. Assim, percebe-se que essa forma de violência pode acontecer de várias formas: agredir alguém por discordância de ideais, retirar sua liberdade, o direito de escolha, direito de se expressar.

A comparação que Ortega y Gasset faz das massas como o império romano, como visto no segundo capítulo, é importante para definir a tomada de posição que elas adotaram: as massas tomaram o século para si e deram ao Estado burguês (agora massificado) o direito de estatizar a vida.

Lembremos que o *homem-massa* vive em uma vida estatizada, totalmente burocratizada e depende das ações estatais para que possa exercer sua fragmentada liberdade. A espontaneidade da vida é agora suprimida e apenas passa a existir nos breves momentos em que o Estado não se faz presente. Eis a origem da violência contra a liberdade do indivíduo. Contudo, essa violência não se resume somente à figura estatal, pois ela também está fortemente presente no homem-massa.

Ora, devemos levar em consideração o contexto político e histórico da época, mais especificamente, da década em que *A rebelião das massas* foi escrita e adaptada, a década de 20. Ora, dessa década até início da segunda guerra mundial, Ortega y Gasset, consegue identificar os movimentos de massa e suas ações tanto grupais quanto as dos *homens-massa* isolados. Ele se refere, por exemplo, à expansão do sindicalismo radical e dos movimentos fascistas que abrigam neles grupos violentos.

Estes dois grupos são especialmente lembrados por causa de sua inspiração ou origem puramente ideológica, os quais fomentaram a ação violenta típica do homem-massa: arguir sem ouvir, não levar em conta as motivações alheias, apenas deseja impor sua vontade. Nas palavras do autor: “Sob as espécies de sindicalismo e fascismo aparece, pela primeira vez na Europa, um tipo de homem que *não quer dar razões nem ter razão*, mas que se mostra, simplesmente, resoluto a impor suas opiniões.” (ORTEGA Y GASSET, 2016, p. 146).

Essa “razão sem razão” exemplifica bem a nocividade que o *homem-massa* representa para o século XX. Assim, cada vez mais violento, o homem moderno, que recluso ou fechado em si mesmo, não consegue estabelecer uma relação harmoniosa com ele, com o mundo e com o outro. Essa é a *ultima ratio*, que faz com que as massas e o Estado defendam

cegamente as suas verdades por meio da força, pois as ideias lhe faltam e a capacidade para pensar já se perdeu há tempos. Percebe-se que, ao fechar-se ao mundo, o homem se fecha também aos outros e possui somente a sua figura como modelo, de modo que o outro passa a não mais tolerado, pois a concórdia⁷ passou a ser um ideal do passado e a barbárie tornou-se uma possibilidade prática.

O outro agora só será tolerado se for um outro eu, pois, caso apresente uma diferença, deverá sofrer a imposição da vontade do *homem-massa*. Este vive confinado no grupo que é o do mesmo. A figura do outro não se resume às suas características físicas, mas às suas crenças, valores, opiniões, pois aquele que acha algo em comum com outro passa a ser entendido, na massa, como um do mesmo.

Por isso Ortega y Gasset define esse homem-massa como um indivíduo que se insere numa perspectiva de grupo, e este grupo, por sua vez, não pode possuir muitas ideias ou posições divergentes, pois disso geraria discordâncias e divisões que poderiam colocar em risco massa enquanto grupo uniforme.

⁷ Cf. o sentido deste termo está atrelado a obra “Tratado sobre a convivência”, de Julián Marías, que nas palavras do autor são: o solo comum no qual repousa o acordo e desacordo, seria como uma forma de estabelecimento na qual se permita todo o tipo de oposição, incluindo ideias odiantas, para que garantam a convivência, mesmo que não ocorra acordo entre os disputantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A massificação representou, no último século, um fenômeno importantíssimo para explicar a emergência do totalitarismo e da barbárie. Ortega y Gasset consegue compreender bem tais fenômenos e responder a várias questões importantes, presentes em sua época.

Ele demonstra qual a natureza e os efeitos do surgimento do *homem-massa* e como isso repercutiu sobre os grandes acontecimentos do século XX. Por isso, procuramos demonstrar as consequências na vida do homem massificado, destacando a sua condição de clausura, de fechamento para o próximo e de recurso à violência.

Vimos também que essa massificação surge e se expande na era moderna com o surgimento da democracia liberal, do avanço das ciências e da industrialização. Da mesma forma, indicamos a importância da noção de circunstância na determinação das escolhas e decisões do indivíduo. Assim, o *homem-massa* também se deixa influir pelo meio em que vive e passa a agir de acordo com as crenças e valores do seu grupo. Ele, por isso, tende a seguir os apelos daqueles que reconhecem como um dos seus, ou seja, a relação de identidade no interior da massa é fundamental para garantir coesão e também fortalecer determinadas ações no plano político e social.

Da mesma forma, indicamos que as ideias de Ortega y Gasset expostas em sua obra *A rebelião das massas* suscitou o interesse e também, em muitos casos, a adesão de inúmeros pensadores, a exemplo de Eric Hoffer, Erik Von Kuehnelt-Leddihn, Bertrand de Jouvenel, os quais reconhecem a importância das formulações do filósofo espanhol. É interessante destacar que todos eles reafirmam que, com a emergência do homem-massa, a figura do indivíduo foi colocada em segundo plano, tornando sua ação política e social bastante opaca.

Assim, podemos concluir que a massificação foi um elemento-chave para se entender as importantes mudanças que ocorreram no século XX, também conhecido como o “século mais agitado” de todos os tempos, pois ele foi palco de barbárie, atrocidades, totalitarismos, deixando um rastro de terror e morte.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago. **Conceitos políticos na obra de Ortega y Gasset**. 2009. 114 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

GASSET, José Ortega y. **A Rebelião das Massas**. 5ª Ed. Trad. Felipe Denardi. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2016.

GASSET, José Ortega y. **O homem e os Outros**. 1ª Ed. Trad. Felipe Denardi. Campinas, Sp: Vide Editorial, 2017.

GASSET, José Ortega y. **Obras completas** (09 Tomos). Madrid: Revista de Occidente. 1964-1966.

JOUVENEL, Bertrand de. **O Poder: História Natural do seu Crescimento**. 1ª Ed. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Peixoto Neto, 2010.

MARÍAS, Julian. **Tratado sobre a convivência: concórdia sem acordo**. 1ª Ed. Trad. Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Martins fontes, 2003.

SANTOS, Mário Ferreira dos. **A Invasão Vertical dos Bárbaros**. 3ª Ed. São Paulo: É Realizações, 2012.